

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semest. — 18. n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 179	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	38\$00	18\$00	9\$50	\$120	11 DE DEZEMBRO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	48\$00	28\$00	—	—		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Estrangeiro (união geral dos correios) .	58\$00	28\$50	—	—		
Brazil (moeda fraca) . . . . .	15\$00	7\$50	—	—		

## CHRONICA OCCIDENTAL

O Limoeiro continúa a dar que fallar de si.

Apesar das medidas extraordinarias tomadas pelo governo, apesar da substituição provisoria do director da cadeia, apesar da busca passada aos presos e da immensa quantidade de revolvers e de navalhas apprehendidas n'essa busca, apesar das ordens rigorosas dadas aos porteiros, ácerca da entrada de certos visitantes muito intimos das cadeias, houve ali na quarta feira á noite uma d'essas desordens graves, um tumulto d'esses a mão armada, que raro se dão cá fóra e que entretanto por uma singular e persistente contradicção são vulgarissimos nas nossas cadeias.

Um preso que viera de Evora, Francisco dos Santos, para d'aquí seguir para o degredo perpetuo a que fóra condemnado, vendo um juiz substituto da cadeia, o preso Gouveia, esbofetear sem mais nem mais um colega, censurou-o energicamente.

O preso Gouveia, que na sua qualidade de autoridade interna do Limoeiro não admite censuras, rachou-lhe a cabeça com um banco.

Francisco dos Santos, que é um homem herculeo, e d'uma força realmente extraordinaria, sentindo-se ferido puchou d'uma navalha e avançou terrivel e vingador para aquelle que o agredira.

N'isto todos os outros presos pozeram-se do lado do juiz, e saccando cada um da sua algibeira de facas e de navalhas, oppozeram a Francisco dos Santos um verdadeiro oceano de laminas de aço.

Entretanto o Santos que é valente, não se atemorizou com esse espectaculo e continuou a avançar resolutamente com a sua navalha na mão e os olhos a faiscarem-lhe vingança.

A algazarra dos

desordeiros accudiu a guarda do Limoeiro, mas teve que recuar ante a ferocidade invencivel do Santos, que só por surpresa foi derrubado por um juiz d'outra prisão que á traição lhe envolveu a cabeça n'uma jaqueta.

Ainda assim, mesmo depois de deitado no chão e de agarrado por todos os presos, e soldados da guarda, Francisco dos Santos vendeu cara a sua rendição, ferindo com a navalha, que difficilmente lhe foi arrancada, muitos dos que o seguraram.

Terminada esta lucta selvagem Francisco dos Santos bastante ferido foi levado para o Hospital, ficando a sua partida para o degredo adiada para o proximo paquete d'Africa.

Eis singelamente narrados os factos taes como se passaram, e de passagem, antes de o commentarmos, sublimaremos uma phrase, que o Francisco dos Santos repetia raivoso, quando com a cabeça quebrada, avançava de navalha em punho para aquelles que defendiam o preso que o agredira:

— Se algum dá um passo atravesso-o! Eu estou condemnado a degredo, por muito menos do que esse maroto acaba de fazer-me!

Voltamos por tanto aos antigos habitos do Limoeiro.

O grave aqui não é a desordem entre dois presos; não é muito facil dado o nosso systema penitenciario deploravel das agglomerações de presos nas mesmas salas, e de presos de todas as categorias, o evitar uma ou outra desordem; mas se não é facil evital-as, é facil e é urgentissimo castigal-as e severamente. O grave porém é o facto de continuarem todos os presos munidos de navalhas e de facas.

E' grave e prova que não servem de nada a rigorosa busca e apprehensão a que se procedeu ha semanas, e prova que ha um vasto arsenal ainda não descoberto pelas autoridades superiores do Limoeiro, onde esses presos fazem os seus fornecimentos.

Parece, segundo todas as indicações, que essas navalhas lhes são fornecidas pelos gatunos, fadistas e vadios, que os vão quotidianamente visitar e, que não são devidamente revistados á entrada pelos homens encarregados d'esse mister, e que tambem não são devidamente vigiados nas suas entrevistas com os presos.

Seja como fór, o que não pode ser é isto continuar assim.



THOMAR — CASTELLO DE GUALDIM PAES. — (Segundo uma photographia de A. Silva Magalhães)

O sr. ministro da Justiça que teve a coragem de investir contra a anarchia enorme que desmoralisava o Limoeiro, terá de certo a energia para pôr cobro, d'uma vez para sempre, a esse estado tumultuario, e a tornar impossivel a repetição d'essas scenas escandalosas, perigosas e vergonhosissimas.

O tumulto de quarta feira provou tristemente que as medidas tomadas foram insufficientissimas. Que se tomem outras mais energicas, que se castigue com a mais rigorosa severidade todos aquelles que não cumprirem com os seus deveres e que o Limoeiro seja finalmente uma cadeia, e não um fóco de desordens, um ninho de assassinatos e uma officina de crimes, como infelizmente ainda o está sendo.

A attenção publica tem-se occupado muito n'estes ultimos dias do escandalo descoberto n'um concurso da Alfandega de Lisboa.

N'esse concurso foi apanhado em flagrante um candidato a fazer cabula: houve denuncia immediata, protestos, e provou-se effectivamente o facto com grande indignação publica e castigo prompto do culpado.

Parece que foi uma novidade ou uma surpresa para alguém o facto de se fazer batota — vá lá a phrase de espelunca de jogo, visto a politica portugueza tel-a mettida no seu calao — nos concursos para logares publicos.

Para nós não foi surpresa alguma: sabemos de ha muito que o concurso — essa instituição utilissima que devia abrir o caminho á intelligencia, ao estudo e ao trabalho, dos desprotegidos l'altos padrinhos, segue a *degringolade* geral, e não passa de ser, como por exemplo o suffragio universal, uma grande coisa, a servir de pseudonymo a todas as pequenas miserias e enormes patifarias que são a gangrena incuravel do nosso modo de ser social.

Acabamos de ler agora mesmo n'um jornal francez um axioma humoristico, feito a rir, mas que no fim de tudo resume pungentemente o estado actual da nossa vida publica.

«Il n'y a qu'une operation fondamentale, qui s'appelle tricher: les autres, secondaires, se nomment gagner.»

No concurso da Alfandega o que nos surpreendeu unicamente foi a falta de destreza do candidato que se deixou apanhar n'aquillo que geralmente por ahi se faz com o maior exito, e a mais perfeita habilidade — a condescendencia com que deixou provar o facto; condescendencia e falta de destreza que lhe valeram o ser castigado por aquillo mesmo que dá a muitos outros, mais felizes — o accesso a grandes lugares.

Os concursos estao entre nós viciados como todas as outras coisas, e não é sómente a cabula dos candidatos que a vicia, é muitas vezes — e não nos referimos ao concurso em questao porque nem sabemos o que foram os pontos, nem quem era o jury, nem percebemos nada de questões aduaneiras — é muitas vezes, diziamos, a maneira como os pontos são concebidos, pontos cuja resolução não prova inteiramente nada das aptidões essenciaes necessarias para o exercicio do lugar a que esses concursos habilitam, e muitas vezes tambem a escolha dos jurys para avaliar d'essas provas.

A tudo isto ha ainda, graças a Deus, algumas excepções, mas não destroem a regra geral, e essa regra geral é a condemnação dos concursos, dos concursos que deviam ser uma garantia para o Estado das aptidões das pessoas nomeadas a exercer os seus empregos, e para os concorrentes da remuneração dos seus trabalhos e dos seus meritos.

Não garantido nem uma coisa nem outra, os concursos não passam d'um sophysma grosseiro, e tão grosseiro que hoje já pouca gente engana.

E agora fallemos um pouco de theatros, que n'estas ultimas noutes exhibiram ao publico as novidades que ha tempo preparavam.

Convalescente ainda, d'uma demorada doença que a afastou da scena, a actriz Anna Pereira, uma das actrizes de mais talento que tem Portugal, fez o seu beneficio na quarta feira no theatro da Trindade.

Com esse beneficio, a Trindade deu nos a sua primeira peça nova da epocha actual, peça de ha muito em preparação, mas posta de parte ha um mez por causa da doença de Anna Pereira.

Tinha uma grande reputação no mundo da opereta, a *Dona Juanita* de Suppé: em Vienna d'Austria tivera grande successo, e no Rio de Janeiro, onde a formosa opera do maestro viennense, se dera ha pouco com a engraçada tradução do libretto por Eduardo Garrido, o successo fôra o mesmo, e a peça fôra tão disputada por varios emprezarios que dera lugar a uma polémica extre-

mamente azeda nos jornaes, entre dois homens muito nossos conhecidos, o sr. Celestino da Silva, que é o cobrador de direitos de quasi todos os auctores dramaticos de Lisboa, no Rio de Janeiro, e o sr. Sousa Bastos, o antigo emprezario do Principe Real de Lisboa, e auctor d'um sem numero de *Revistas* que divertiram immenso os lisboetas.

Na Trindade a *Dona Juanita* justificou esse successo, sobretudo pela musica que é lindissima, e nova para nós, habituados na Trindade aos maestros francezes e hespanhoes.

O libretto da *D. Juanita* é muito inferior á musica.

Eduardo Garrido teve n'elle um grande trabalho, occultando-lhe todos os defeitos de origem debaixo d'uma chuva torrencial de bons ditos, de trocadilhos engraçadissimos, da fertilidade extraordinaria de espirito, que elle espalha prodigamente por todos os seus trabalhos theatraes.

Concorreram tambem para o exito da peça Leoni e Amelia Barros, impagaveis de boa veia comica nos seus dois papeis, Firmino que fez muito bem um coronel inglez muito comico, e Augusto que n'um papel insignificante deu um desempenho engraçadissimo.

O grande triumpho, porém, da *Dona Juanita* foi para Anna Pereira, que mais uma vez se mostrou artista consumada, n'um acabado de *detalles*, n'um escrupulo de promenores, que fizeram reviver aquellas noites gloriosas do *Barba Azul* e do *Rouxinol das salas*.

Gervasio Lobato.

## O NOSSO SUPPLEMENTO

S. A. R. O PRINCIPE D. CARLOS

Foi um dia de extraordinario regosijo publico aquelle em que o joven monarcha portuguez D. Luiz uniu os seus destinos ao da pouco mais que infante filha de Victor Manuel, o rei cavalleiro.

Pela terceira vez se unia pelos laços mais estreitos a casa real de Portugal com a de Saboia, e d'esta vez dava-se o enlace entre dois undecimos netos de D. Manuel, o rei afortunado.

O fallecimento do apreciado monarcha D. Pedro V tinha deixado os espiritos preocupados com a successão da coroa, e enquanto se não celebrou este consorcio tudo era anciedade e sobresalto. Quando se annunciou que a joven rainha havia entrado no periodo esperançoso de dar um herdeiro á coroa de Portugal, todos os sinceros amigos da liberdade rejubilaram, e quando algum tempo depois, a 28 de setembro de 1863, se annunciou ao paiz que havia nascido o principe real, não houve coracao liberal que não palpitasse de satisfação.

Julgaram alguns espiritos atrabilarios que fazemos romance; não exageramos; isto é de hontem. Ainda nos recordamos d'essa marcha triumphal que alguns mezes depois os soberanos fizeram a Braga, atravessando o paiz sem escolta, soffrendo, se isto se pôde chamar soffrer, apenas o incommodo do excesso de affeição e de aneio com que as povoações por onde passaram, disputavam com soffreguidão a honra, o prazer de os ver e contemplar.

O Porto, que sempre comprehendeu o que é a verdadeira liberdade, exuberou em festas, e na Praça de D. Pedro estacionavam milhares de pessoas á noite, a ver os quadros illuminados onde estavam representados os soberanos e o principe real no berço.

Alguns annos depois vimos os reis, como que levados em triumpho, por aquelles bons portuguezes, e o principe e o infante levantados nos braços de um valente official, serem saudados, e estrepitosamente aclamados por uma immensa multidão, para quem, era estreito o sitio da Torre da Marca, e que enchia o atrio do palacio das Carrancas. Os principes devem recordar-se com prazer d'essa esplendida noite de effusão popular.

O principe recebeu a educação que era necessaria a uma alta personagem de hoje, da mesma maneira que a haviam recebido seu augusto Pae e Thios Aio, Perceptor e mestres foram escolhidos d'entre os mais serios e sabedores dos nossos homens.

Quando completou quatorze annos, segundo as praxes constitucionaes, foi o principe real prestar o devido juramento perante as Camaras legislativas, do que demos conta, publicando um seu gentil retrato, no numero 7 do nosso primeiro volume. Desde então para cá o principe tem continuado a sua instrucção.

Quando em maio do corrente anno os reis de Portugal foram a Madrid, pagar a visita, que em

janeiro do anno passado, lhes haviam feito os reis de Hespanha, ficou o principe real, segundo a constituição, encarregado da regencia do reino, para cujo fim se apresentou segunda vez ás Camaras, afim de prestar o devido juramento.

Nos poucos dias da sua regencia mostrou o principe que lhe não eram indifferentes as coisas publicas. Visitava os quartéis, as escolas, os edificios e estabelecimentos publicos com curiosidade e sisudez, reconhecendo-se o seu desejo de se inteirar de tudo.

Regressado el-rei ao paiz, partiu o principe a juntar-se com sua Augusta Mãe, e feita uma rapida visita a Madrid, partiu para Italia, onde foi recebido com extraordinarias ovações, visitando os sitios mais notaveis dos estados de seus progenitores, assim como os monumentos e estabelecimentos de maior importancia e que mais luzes scientificas, artisticas e litterarias podem derramar.

Cercado por um grupo de homens instruidos, entre os quaes se distingue o vulto eminente do illustre sabio, hoje ministro das obras publicas, Antonio Augusto de Aguiar, tem percorrido a maior parte dos paizes da Europa, vendo, examinando, estudando tudo o que ha de mais notavel nas artes, nas sciencias e na industria, colhendo informações que lhe poderão ser uteis nos diversos assumptos que um dia tenha a resolver como soberano.

N'essa viagem tem contrahido relações pessoais com os chefes dos varios estados e seus herdeiros, e ainda no ultimo, a Inglaterra, tem recebido honras e distincções que raro se dispensam aos successores dos reis das grandes nações.

Tem inspirado sympathias a educação liberal e o genio lhano e gentil do principe, e tem todos reconhecido a sua illustração, especialmente na facilidade e propriedade com que se exprime em sete dos principaes idiomas da Europa.

Em breve, com um avultado capital de observações sobre todos os ramos da actividade humana, e sobre o exercicio pratico do systema constitucional, que aliás em parte nenhuma, a não ser na Italia, é tão largo e popularmente exercido, o principe voltará á patria, onde o esperam a benção e a saudade de seus paes, e o respeito e consideração geral do povo, que sempre tem acatado a familia real.

## AS NOSSAS GRAVURAS

CASTELLO DE GUALDIM PAES, EM THOMAR

A historia do Castello de Gualdim Paes prende com a historia dos Templarios, a que já nos referimos largamente a pag. 104 do 3.º vol. e a pag. 6, 15, 38 e 46 do 4.º vol. d'este periodico; por isso agora nos limitaremos a dizer que o Castello de Gualdim Paes nasceu com a povoação de *Tarmarmá*, segundo a denominação arabe, que os portuguezes depois chamaram Thomar.

Foi pelos annos de 1160 da nossa era que D. Gualdim Paes fundou este castello em um monte a O. do rio Nabão e na margem direita do mesmo, dominando uma vasta planicie.

No anno de 1190(?) soffreu este castello um rigoroso ataque de um exercito do imperador de Marrocos, que assolou o Algarve, o Alemtejo e a Extremadura, vindo pôr apertado cerco ao castello de Thomar.

A povoação de Thomar, que toda se recolheu ao castello, oppoz tao grande resistencia, que os mouros tiveram que abandonar o cerco, vingando-se em saquear a villa e outras povoações e levando 13:000 captivos.

O castello foi depois reparado e ampliada a sua fortificação.

Hoje conta mais de sete seculos e ainda está de pé, apesar de bastante arruinado pelos insultos do tempo.

Não é uma praça de guerra, é uma reliquia historica como tantas outras que nos recordam passadas glorias.

Entré a sua primeira e segunda linha de muralhas já não assentam pousada as povoações perseguidas, mas vicejam fructuosas vinhas que augmentam as riquezas da paz de um povo que deixou de viver para as luctas das armas, para empunhar o alviao do trabalho e fecundar a terra, que seus irmãos regaram com tanto sangue para fundarem a independencia d'este reino tão disputado.

CARLOS GUILHERME SIEMENS

Representa a nossa gravura o retrato de um dos grandes trabalhadores do seculo XIX. Carlos Gui-

herme Siemens nasceu em Leuthe, no Hannover a 4 de abril de 1817. Recebeu a primeira educação no Gymnasio da cidade livre de Lubeck; frequentou depois a escola de artes de Magdeburg, e a universidade de Göttingen. Posteriormente seguiu um curso de engenharia no estabelecimento scientifico e industrial do conde de Stalberg.

Em 1843 foi para Inglaterra, e juntamente com seus tres irmãos, emprehendeu muitas applicações das sciencias á industria e ás artes mechanicas. A seu irmão Werner Siemens deve a sciencia, nas suas applicações, especialmente da electricidade, importantes invenções e aperfeiçoamentos. De terem os dois irmãos largamente cultivado a sciencia da electricidade, resultou no publico certa confusão sobre qual era a iniciativa especial de cada um d'elles, attribuindo-se frequentemente a um os inventos do outro; o que talvez nem sempre fosse erro; porque é provavel que em muitas das invenções e aperfeiçoamentos introduzidos nas numerosas applicações ás artes e industrias, a que anda ligado o nome de Siemens, trabalhassem ambos os irmãos. São attribuidas a Carlos Siemens as invenções de uma *machina calorico*, de um hydrometro, os fornos de gaz para o fabrico do aço, os fornos para a fundição do vidro, muitos aperfeiçoamentos na douradura galvanica, nas machinas de imprimir chitas e algodões, nas machinas de indução magnetica e dynamo-electricas, nos motores electricos applicados á locomoção, no transporte da força a distancia pela electricidade, na fabricação dos cabos submarinos, etc., etc.

Associando-se com Halske estabeleceram os irmãos Siemens officinas de instrumentos de precisão na Prussia e na Inglaterra. Da collaboração d'estes homens recebeu a sciencia electrica grande impulso nos seus rapidos progressos, pelos numerosos apparatus e instrumentos alli inventados ou aperfeiçoados; entre elles citaremos: a bobine de indução, de Siemens, a sua armadura, o regulador differencial de luz electrica, o galvanometro de torção, a unidade de resistencia electrica de Siemens, as machinas de indução magnetica e dynamo-electricas, etc. D'aquella celebre casa de Berlin alguns apparatus e instrumentos teem vindo para Portugal; entre outros mencionaremos uma machina magneto-electrica de Siemens e Halske, construida, ha alguns annos, para o Instituto Industrial de Lisboa, e que alli figura nas colleções do gabinete de physica; aquella machina, composta de uma bobine de Siemens girando entre os polos de 12 magnetes, apesar das suas pequenas dimensões, desenvolve correntes muito energicas, vantajosamente applicaveis a effeitos calorificos, como, por exemplo, á inflamação de minas e torpedos. Tenho tido varias occasiões de verificar que espoletas electricas para minas e torpedos, entre ellas algumas de Abel, já algum tanto deterioradas pelo tempo, e que com as correntes de diversas outras machinas já não produziam effeito algum, ainda deflagravam com a machina de Siemens e Halske.

Foi em 1858 que se estabeleceram em Charlton, West-Woolwich as officinas para a fabricação do material para o cabo submarino que liga a Europa á America.

Por quatro vezes se tentou a realização d'essa obra gigantesca, em 1857, 1858, 1863, 1866. A primeira vez partiu-se o cabo a 300 milhas da costa de Irlanda. Na segunda, o cabo dividido em duas partes eguaes foi embarcado a bordo da fragata ingleza *Agamemnon*, e da fragata americana *Niagara*, que reunindo-se no alto mar, a meia distancia da Irlanda e Terra Nova, soldaram os topos dos cabos, e, caminhando em sentido opposto, depois de se ter uma vez fracturado o cabo, conseguiram estabelecer a communicação entre aquellos dois pontos; por alguns dias se trocaram telegrammas, no fim dos quaes houve ruptura no conductor e o cabo emmudeceu. A terceira tentativa verificou-se em 1865; foi o grande vapor *Great-Eastern* que tomou o cabo e tentou extendel-o, partindo de Valentia na Irlanda; mas a 320 milhas partiu-se o cabo. Finalmente a ultima foi mais feliz; a 13 de julho de 1866 o *Great-Eastern* partiu de Valentia largando o cabo para o fundo do mar, chegou á Terra Nova no dia 27, onde entregou a extremidade do conductor electrico, tendo estado sempre em communicação com a Europa, recebendo e dando noticias; a bordo imprimia-se diariamente um jornal que contava as peripecias da guerra então accessa entre a Prussia e a Austria. Depois de extendido o novo cabo entre a Irlanda e a Terra Nova, o *Great-Eastern*, auxiliado pelos tres vapores que o acompanhavam, conseguiu levantar o cabo que em 1865 tinha ficado no fundo do mar, e soldando-lhe uma nova porção, estabeleceu segunda communicação telegraphica entre a Europa e a America. A essa arrojada e colossal obra, que veio ligar rapidamente pela palavra

o velho e o novo mundo, ficou associado o nome de Siemens, juntamente com os de Varley, Thomson, Anderson etc.

Era Carlos Siemens o typo do verdadeiro industrial, intelligente, erudito, arrojado e activo; ao mesmo tempo occupava um logar eminente n'essa pleiade de homens illustres, Jenkin, Maxwell, Thomson, Stewarth etc., que teem, em Inglaterra, cultivado, e feito dar passos agigantados, sob a protecção e auxilio da Associação Britannica, á sciencia da electricidade n'estes ultimos annos. Em 1882 publicou Siemens uma theoria sua sobre a conservação da energia solar.

Foi Carlos Siemens engenheiro, physico, constructor, doutor em sciencias pela Universidade de Oxford, membro da Real Associação Scientifica, e do seu conselho de presidencia, presidente honorario da sociedade de engenheiros telegraphicos, membro do conselho de engenheiros civis, presidente honorario do Instituto de Engenheiros mechanicos, presidente effectivo da sociedade das artes etc. A rainha Victoria nobilitou-o com o titulo de baronet em abril de 1882.

Falleceu Carlos Siemens em 20 de novembro de 1883, em consequencia de uma queda que deu 15 dias antes, e que lhe veio agravar os padecimentos de uma lesão cardiaca, de que soffria havia tempo, e cujo desenlace fatal assim se precipitou, roubando á sciencia e á industria, um dos seus infatigaveis obreiros.

F. Benevides.

#### EGREJA DA NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS EM LOANDA

Era este um dos magnificos templos da cidade de S. Paulo de Assumpção de Loanda, capital da provincia d'Angola e que pela sua situação e vastidão, fora escolhido para cathedral.

Parece que sua primitiva construção é coeva da conquista, por quanto Paulo Dias Novaes quando pela segunda vez foi do reino á ilha de Loanda, então nomeado conquistador, porvedor e primeiro governador e capitão-mór, etc., ali desembarcou em 1570 com missionarios, padres jesuitas, clérigos, tropas, artistas, etc., aos quaes reunindo-se alguns portuguezes e padres que do Congo já tinham ido para a ilha esperal-os, todos em precisão seguiam um sacerdote que debaixo do palio conduzia as santas reliquias até ao logar onde se levantou a primeira igreja.

Sendo aquella ilha feudatario do reino do Congo reconheceu Novaes que não era logar proprio para capital da conquista e passou então para o continente fronteiro e no morro mais proximo, S. Paulo (hoje S. Miguel onde se vê a fortaleza do mesmo nome) fez levantar uma outra igreja dedicada a S. Sebastião, tanto do nome do rei, que o nomeára para aquella importante missão. Logo ahi se constituiu a primeira parochia (Nossa Senhora da Guia), a qual pouco depois fôra transferida para o templo cuja gravura apresentamos Nossa Senhora dos Remedios.

Situado na cidade baixa entre bons predios, na primitiva sua frente olhava ao mar, quasi a meio de uma extensa bahia, porém hoje tendo-se encarregado a natureza de fazer recuar as aguas e de arrastar as areias dos morros da cidade alta nivellando-os sobre a antiga praia, a cidade como se comprehende, avançou e aquella igreja com um bom atrio ficou no alinhamento dos predios de uma larga rua *Salvador Correia* e no lado do mar se fizeram bons predios e largos.

Por muito tempo as igrejas d'Angola e Congo estiveram reunidas ás da ilha de S. Thomé sob o bispado de S. Thomé sendo a Sé cathedral em S. Thomé. Por bulla do papa Clemente VIII de 13 de julho de 1597 separaram-se as d'Angola e Congo da de S. Thomé e a Sé cathedral passou para a cidade de S. Salvador d'Ambane (Congo) e ahi se conservou até 1626.

N'este anno o governador Pedro de Souza Coelho retirára a toda a pressa para Lisboa entregando o governo no seu capitão-mór e victima dos jesuitas foi encerrado n'uma prisão onde morrera. Como o bispo D. Frei Simão Mascarenhas se encarregasse interinamente do governo d'Angola, cinco mezes depois, mas no anno de 1626, fez-se acompanhar para Loanda da Santa Sé, passando a ser a Cathedral na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no extremo occidental da cidade alta, de que hoje existe apenas a torre onde se instituiu o observatorio metereologico de que em tempo demos noticia aos nossos leitores.

Era este templo segundo a historia, magnifico pela sua architectura, merecendo sempre as mais serias attentões dos governadores d'Angola. Em 1750 foi cuidadosamente reparado e embellezado

pelo conde de Lavradio e ainda em 1823 reedificado pelo governador Nicolau Abreu Castello Branco. Em 1840, estando bastante arruinado o templo pensou-se em abandonal-o e transferir a Sé para um outro dos melhores da cidade.

Entendeu o governador *Ponte e Horta* pôr termo a essas continuas mudanças apropriando a Igreja de Nossa Senhora dos Remedios para esse fim.

A toda a pressa de dia e noute se trabalhou para que o templo fosse aberto com toda a solemnidade em dia de Nossa Senhora. Reedificou-se completamente interior e exteriormente, porém quiz a fatalidade que fosse de pouca dura a cobertura de madeira que se lhe fez (1875) e em fins de 1876, por ameaçar ruina e risco d'um desabamento, foi a Sé transferida de novo para a Igreja do Corpo Santo na mesma rua mais ao occidente e pouco distante.

O governador Albuquerque pouco depois de chegar a grande expedição d'obras publicas de 1877, — mandou proceder a uma vistoria pelos engenheiros ao referido templo, e estes foram de parecer que immediatamente se apeassem os telhados aproveitando-se parte do material e se encomendasse uma cobertura de ferro e telha franceza. — A demolição fez-se, porém a reparação ficou esperando por ordens do ministerio do Ultramar que até hoje entendeu por melhor nada resolver ficando as boas paredes e ornamentação interior expostas ao tempo; de modo que mais tarde o custo das reparações importou no dobro ou no triplo do que fôra orçado.

No entanto a Sé mal accommodada já esteve no *Carmo* (antigo convento) a bastante distancia da alta e baixa, lado oriental, enquanto se fizeram reparações na Igreja do *Corpo Santo* e ultimamente estava funcionando, depois da entrada do bispo hoje Rev. Patriarcha de Lisboa, na do Rosario (cidade alta) proximo e fronteiro ao paço episcopal, tambem um magnifico templo e hoje o mais importante.

O sr. D. José Netto quando bispo, ainda tentou aproveitar uma subscrição já iniciada pelos parochianos para se fazerem as reparações necessarias na Igreja de Nossa Senhora dos Remedios realmente a mais propria para Cathedral da provincia, e até nos consta que no reino entre os fidalgos encontrára alguns subscriptores, porém desconhecemos porque se não proseguiu. É de supôr que os iniciadores recusassem ante as grandes difficuldades do orçamento.

Se os nossos governos não olvidassem que o primeiro conquistador d'Angola entrou ali levantando uma igreja e á medida que se internava não passava d'um a outro logar sem lá deixar monumentos d'esta ordem; decerto ha muito teria reconhecido quanto em prestigio vamos perdendo entre os indigenas por deixarmos cahir em ruinas essas igrejas que lá temos e principalmente a *Cathedral* que elles reputam de summa grandeza.

#### MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. PEDRO IV E D. MIGUEL, QUE RETIRARAM DA CIRCULAÇÃO.

Em continuação ás moedas do reinado de D. Maria II, publicadas em o n.º 175 do nosso periodico, damos hoje as pertencentes aos reinados de D. Pedro IV e D. Miguel.

Com o nome e busto de D. Pedro IV não se cunhou moeda de cobre, e apenas se cunhou a moeda de quarenta reis ou pataco, de bronze, que publicamos, a qual, á excepção do busto e do nome do reinante, é igual em cunho e peso ao pataco cunhado em 1811 durante a regencia de D. João VI.

Com este mesmo cunho se continuaram a fabricar patacos nos principios do governo de D. Miguel, em quanto se não apromptaram os cunhos novos.

Durante o governo de D. Miguel foi grande a amoedação de cobre e bronze que se fez na casa da moeda, assim como appareceu grande quantidade de patacos falsos, inspirando tao grande desconfiança, que o governo teve que dar ordem, em 5 de julho de 1831, para na casa da moeda se receber do Contracto do Tabaco 14:378.960 em patacos considerados falsos, e em 22 de dezembro do mesmo anno mais 4:800.000.

O pataco que tem o nome de D. Miguel apresenta as differenças que se vêem na estampa com relação ás legendas e substituição do busto, pelo algarismo 40, e foi mandado cunhar assim por decreto de 13 de agosto de 1828.

As moedas de dez e de cinco réis, pertencentes ao governo de D. Miguel foram cunhadas na casa da moeda, nos annos de 1829, 1831 e 1833.

## O MOSTEIRO DE AROUCA

(Continuado do n.º 178)

## IV

## O MOSTEIRO

Parece ter sido fundado o mosteiro de Arouca, em principios do seculo VIII, por dois fidalgos de Moldes, chamados Loderigo e Vandilo, os quaes o submetteram á regra de S. Bento e lhe deram a invocação de S. Pedro e S. Paulo e dos martyres S. Cosme e S. Damião; entregando-o depois a monges beneditinos e conservando apenas sobre elle o direito do padroado. Mais tarde, os seus descendentes venderam esse direito a um rico homem, chamado Ansur, o qual, juntamente com sua esposa, de nome Elewa, o ampliou e aformoseou, dando-o depois ao abbade Hermigildo, da ordem de S. Bento, com a villa de Arouca, o padroado das egrejas de Arouca e Moldes, e muitas outras herdades.

D. Elewa, ficando viuva e sem filhos, fundou junto ao mosteiro um recolhimento de *beatas*, observando tambem a regra de S. Bento; por fórma que os dois institutos religiosos, fundidos n'um, vieram a constituir assim um mosteiro dos chamados *duplices*, em que viviam frades e freiras em aposentos separados, reunindo-se todos na igreja em alguns dias sole-



WILLIAM SIEMENS — FALLECIDO A 20 DE NOVEMBRO DE 1883

mnes. Este costume pouco edificante era por então em toda a Hespanha tolerado, se bem que não visto com boa sombra pela curia romana.

O latim barbaro de uma antiga doação feita áquella casa, e citada no Liv. XV da *Monarchia Lusitana*, confirma o caracter mixto do recolhimento de Arouca; referindo-se aos seus amplificadores, Arthur e Elewa, diz que elles *ædificaverunt illa Ecclesia pro remedio animas suas pro ad Monachos, et Fratres, et Sorores ibi hab. tantibus*. A respeito da primitiva fundação do mosteiro escreveu Fr. Antonio Brandão: *Foy o Mosteyro de Arouca fundado antigamente por dous homens nobres chamados Loderigo, e Vandilo; seus descendentes o venderão a hum Fidalgo chamado Ansur, e a sua mulher Elewa; os quaes o ampliaram de edificios, e cousas necessarias, e fizeram d'elle entrega ao Abbade Hermigildo da Ordem do Patriarcha S. Bento a sete dos Idos de Setembro da era de 998, que vem a cahir a sete do mesmo mez do anno de 951, assim consta de huna Escritura do Mosteyro, a qual...* (1) etc. Fr. Bernardo de Brito confirma esta mesma antiguidade na sua *Chronica de Cister*, e apenas discorda de Brandão na data da doação do instituto ao abbade Hermigildo, a qual colloca 10 annos mais tarde, em 961.

Não é facil destrinçar qual dos dois chronistas acertou com a verdade, ou

(1) *Monarchia Lusitana* — Liv. xv, cap. xxi.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — CAMINHO DE FERRO DO DOURO, ESTAÇÃO DE CAHIDE. — (Segundo uma photographia de Biel)

se nenhum tal conseguiu; o que é evidente, é que na fixação da data apresentada pelo primeiro ha manifesto erro, provavelmente orthographico, visto como á era de Cesar de 998 nunca pode corresponder a vulgar de 951, mas sim a de 960; havendo assim nas epochas apresentadas pelos dois eruditos escriptores apenas a insignificante divergencia de um anno, que não vale a pena dar-me canceira a rectificar.

Pelo decurso do tempo, os monges relaxaram-se. *Como andando os tempos houvesse alguma relaxação na vida dos Monges, e andasse entre elles pouca lembrada a obrigação de seu habito...* (1), foram expulsos em 1154 da sagrada vivenda, que ficou pertencendo desde então ás freiras sómente.

Bastou o transcurso de meio seculo para que tambem as monjas, favorecidas pela pouca austeridade da ordem e aguilhoadas de longe pelo per-

nicioso exemplo dos seus antigos collegas na reclusão, se fóssem manso e manso desmandando, a ponto de esquecerem não poucas o acatamento e modestia devidas á regra em que haviam professado. E a rainha D. Mafalda, que em 1220 entrava os aditos do mosteiro, resolvida a passar n'elle santamente o resto de seus dias, achou-o desmoralizado e facil nos costumes, e arruinado e pobre de haveres. Para logo curou de amplificar-o,



AFRICA PORTUGUEZA — LOANDA, EGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

(Segundo uma photographia de Moraes)

restaural-o e enriquecel-o materialmente, para o que fez demolir a matriz da villa, como já atraz referi; e ao mesmo tempo ia amadurando no cerebro o louvavel proposito de o purificar tambem no que tocava ao espirital. Para isso entendeu que o melhor prophylatico a applicar seria a reforma da ordem benedictina para a observancia mais apertada da regra de Cister.

Tenteou primeiro com prudencia o animo das reclusas, e depois de se haver certificado que a maioria d'ellas recebia de bom grado a projectada refórma, crentes no seu benefico effeito, aconse-

lhou-se então com o abbad de Alcobaça, e o de S. João de Tarouca, primitiva séde da ordem cisterciense em Portugal. Depois de bem reflectido o projecto, e escudado na boa doutrina de veneraveis auctoridades, foi apresentado ao bispo de Lamego, D. Payo, que em agosto de 1224 dava concessão para a anciada refórma da ordem do mosteiro. *Pavo pela Misericordia de Deus...*

*Fazemos saber que como o mosteiro de S. Pedro de Arouca, de Monjas do habito negro, não só no*

*temporal, mas tambem no espirital estivesse diminuido; a Rainha Dona Mafalda, Padroeira delle, e a Abbadessa, e convento nos pediram lhes concedessemos, que d'aqui em diante mudando o hab to vissem na observancia, e rigor da Ordem de Cister. Nós, louvando em o Senhor seu proposito, lhe concedemos o que pediam, e damos ao dito mosteiro toda a insenção e liberdade, (quanto em nossa mão cabe), que tem os mosteiros de Cister em outros bispados...* (1).

(1) *Chronica de Cister.* — Liv. vi, Cap. xxxvi.

(1) *Monarchia Lusitana.* — liv. xv, cap. xxi.

É pois indubitavel que foi D. Mafalda a promotora da introdução em Arouca da ordem de Cister. Escolheu para sua morada, assevera Brandão, o Mosteyro de Arouca, o qual então era de Monjas negras, e ella o fez da Ordem Cisterciense á imitação de suas irmãs as Santas Dona Tareja e Dona Sancha, as quaes tinham introduzido esta Sagrada Ordem em Loryão, e Cellas. (1). A primeira abbadessa depois da reforma foi D. Eldora, parenta da rainha. Como o bispo de Lamego tinha jurisdicção na casa, pagando-lhe esta seis aureos de censo, a infanta deu-lhe por isso tres bons casaes em terras de Paiva, sendo esta doação confirmada pelo papa Honorio III.

(Continúa)

Abel Accacio.

## CAMINHO DE FERRO DO DOURO

Por muito que se conheçam os encantos das linhas ferreas mais pittorescas da Europa, ninguem haverá certamente, que ao atravessar a do Douro não se impressione com as perspectivas deliciosas que se apresentam no percurso d'aquella região interessantissima, já pelas mutações successivas da paisagem, já pelas tonalidades variadas da vegetação, já emfim pelo aspecto geral do paiz de uma feição tão característica como pouco vulgar.

As ferro-vias do norte de Portugal, offerecem todas, sem excepção, um aspecto aprazível para o excursionista, que viajando por prazer ou mesmo por necessidade, estima preoccupar o espirito de *touriste* curioso, com as impressões imprevisas de uma paisagem delectavel.

O Minho, na exuberancia de um solo feracissimo, coalha-se na intermittencia das suas montanhas agrestes, de prados viçosos e ondeantes, intercalados de arborisações frondosas que afastam, com as cambiantes de tons e diversidade de formas, a monotonia que poderiam offerecer os arroteamentos cerealíferos de uma prolongação fatigante.

No Douro, a natureza, mudando de aspecto, desdobra-se em serranias extensas cortadas em socacos como os degraus de uma escada enorme, sendo n'elles que a aridez primitiva do solo se aviventa e alegre com o colorido dos pampanos de vinhedos compactos, dos quaes se destacam de longe em longe floridos pomares e hortas vecejan-tes de uma exuberancia productiva excepcional.

Os fragedos escalvados apparecem por vezes na sua nudez granítica, ameaçando precipitar do alto das suas cristas, penedias cyclopeas que se sustentem por um milagre de equilibrio nas sinuosidades dos declives, e no fundo, apertado nas bases d'aquelles cerros cortados a pique, corre em um leito erigido de calhaus o rio caudaloso, em que os pontos impetuosos de redemoinhados cações, formam as passagens perigosissimas da navegação fluvial.

Eis, por agora, de um traço, o aspecto generico da região atravessada pelo caminho de ferro que vamos tentar descrever com as minuciosidades que nos foi possível reunir para dar a este trabalho a feição de um como guia que offereça, com uma leitura simples e corrente, uma certa utilidade para quem tente um dia essa excursão.

\* \*

A via ferrea do Douro, se interessa ao *touriste* pelos encantos do paiz em que se dilata, não menos curiosa se torna para o proprio engenheiro, pelas difficuldades que houve a vencer para a sua construcção.

Solo montanhoso e irregularissimo pelos seus continuos accidentes, foram necessarias obras de arte importantes para se formar o leito em que a linha se desenvolve. Os tuncis, os viaductos, as pontes, as trincheiras, os aterros, os muros que sustentam os terrenos de alluvião em que a via por vezes assenta, emfim todos os trabalhos que se podem presumir para uma construcção difficil, alli se acham reunidos como em uma immensa escola de engenharia civil.

O primeiro troço do caminho de ferro do Douro, do Porto a Penafiel, na extensão de 39 kilometros foi inaugurado em 29 de julho de 1875, com a presença do sr. conselheiro Andrade Corvo, então

(1) Monarchia Lusitana. — Liv. xv, cap. xxi.

ministro dos negocios estrangeiros, e no impedimento do ministro das obras publicas, o sr. conselheiro Cardoso Avelino, que se achava doente por essa occasião.

A solemnidade teve todas as alegrias de uma festa entusiastica, á qual se associaram, com o fervor de uma expansão justificada pelo melhoramento singular que se iniciava, as populações beneficiadas por elle.

Em 20 de dezembro do mesmo anno abria-se á circulação a parte comprehendida entre Penafiel e Cahide (46 kilometros), em 15 de setembro de 1878, o troço de Cahide ao Juncal (66 kilometros) e em 15 de julho de 1879, o do Juncal á Regoa (104 kilometros).

A inauguração d'esta ultima parte da linha foi um verdadeiro acontecimento, tomando parte nas demonstrações de jubilo a que elle deu lugar, os ministros d'aquella época os srs. Saraiva de Carvalho, ministro das obras publicas, Adriano Machado, ministro da justiça, e João Chrysostomo de Abreu e Sousa, ministro da guerra, bem como as auctoridades do Porto e da Regoa e os povos d'aquella região, para os quaes o melhoramento realisado representava um elemento de prosperidade que até alli se havia difficulado pelos embaraços de uma communicação penosa.

A municipalidade da Regoa obsequiou bizarramente por essa occasião os seus hospedes com um *lunch* e com um baile dado nos Paços do Concelho.

Pela sua parte os habitantes da villa engrinaldaram-a com decorações festivas e á noite illuminaram-a profusamente.

Estavam desde aquelle momento terminados os incommodos fatigantes de uma longa jornada em desconjunctados vehiculos.

A descida vertiginosa da volta grande na serra de Quintella, deixava de atemorisar os que se viam obrigados a aventurar-se aos perigos da unica estrada viavel que conduzia á Regoa, e ao passo impune fustigado das cavaladuras esqueleticas e ao caminhar somnolento dos bois que arrastavam penosamente pelas subidas enfadonhas da montanha as pesadas e tetricas diligencias, substituiu-se agora a velocidade vertiginosa da locomotiva que perfurando montes e galgando precipícios, reduzia a poucas horas a distancia que separava o Porto de uma provincia importantissima.

Os demais troços da linha foram depois successivamente abertos: da Regoa ao Ferrão (120 kilometros) em 4 de abril de 1880; do Ferrão ao Pinhão (127 kilometros), em 1 de junho de 1880; e do Pinhão a Tua (139 kilometros) em 1 de setembro de 1883.

As obras proseguem e dentro em poucos annos, feita a ligação do caminho com o de Hespanha por Salamanca, a linha do Douro ficará sendo sem duvida uma via internacional de mais preferivel concorrência para as communicações do paiz com o centro da Europa.

Porto, novembro de 1883.

(Continúa)

MANOEL M. RODRIGUES.

## O Theatro da Rua dos Condes

(Continuado do n.º 178)

A sr.<sup>a</sup> Vellute, que representou a parte da ingenua da *Condessa de Altemberg* teve na voz o «acento quasi sempre lacrymoso e amuado» o que era, segundo o parecer da *Revista Universal*, defeito ordinario de taes papeis na Rua dos Condes. O critico argue tambem a companhia de imitar a declamação franceza, e de errar na pronuncia, affectando muitas vezes correção exagerada.

A apreciação do *Tributo das cem donzellas*, drama imitado pelo sr. Mendes Leal, e montado com todo o luxo, é feita n'aquella publicação por L. A. Rebello da Silva, de um modo altamente lisongeiro para Epiphania, como actor e ensaiador, Carlota Talassi, que na scena com o Proposito «provou que não tinha rival em comprehender as situações mais delicadas», e Tasso, em quem muitos fundavam já grandes esperanças, chamando-o a preencher a falta de um *primeiro amoroso*.

Entre as peças levadas á scena por esta companhia, nos ultimos tempos em que esteve na Rua dos Condes, figurou o melodrama *Justiça de Deus*, em que desempenhou com acerto um papel importante a actriz Joanna Carlota, ainda hoje escripturada no theatro de D. Maria; e *Innocencia e*

*Calumnia*, comedia tão primorosamente imitada por Felner, como o fôra a intitulada o *Pai de uma actriz*, corôa de Sargedas.

Foi o drama a *Cigana de Paris*, o ultimo que a sociedade artistica representou na Rua dos Condes.

No dia 15 de abril de 1846, anniversario de D. Maria II, era inaugurado o theatro do nome d'esta rainha, com o drama *Alvaro Magriço ou os Doze de Inglaterra*, desempenhado pelo grupo de excellentes actores, a que tanto estava devendo a regeneração do theatro portuguez.

Acompanhou-os Ricardo José Fortuna, o celebrado auctor da farça *Zanguizarra*, e antigo companheiro de Bocage. Deixaram portanto de ouvir-se na Rua dos Condes as historias engraçadissimas que elle contava, sempre no meio de auditorio numeroso, e em que referia as estranhas aventuras do seu passado. Attinge proporções enormes o repertorio das aneddotas, em que Fortuna teve parte importante. Era o velho ponto um eccentrico de tal ordem, que uma vez apostou que estaria tres dias sem comer, e, verdadeiro percursor do dr. Tanner, ganhou a aposta.

Desde a abertura do theatro de D. Maria II deixou o da Rua dos Condes de representar na historia da nossa arte dramatica papel importante como até ali, e converteu-se em casa de espectaculos puramente populares, salvo n'um ou n'outro periodo de curta duração.

D'esta nova phase nos occuparemos mui succintamente, antes de concluirmos o presente trabalho.

Em julho de 1846 ainda o theatro deu alguns espectaculos, preenchidos com os trabalhos da prestidigitadora franceza mademoiselle Anguinet. Decorreram depois seis annos sem que apparecessem nos jornaes que consultámos annuncios de representações na Rua dos Condes. Dizem-nos que a velha pocilga esteve votada, n'este comenos, a completo esquecimento, o que não é de admirar, por haver então em Lisboa dois theatros novos, alem do de D. Maria, o do Gymnasio e o de D. Fernando.

Um tal Vicente animou-se todavia, em 1852, a tomar de arrendamento o antigo edificio, e, tendo-lhe feito algumas reparações abriu-o ao publico. A 4 de julho do mesmo anno representavam-se ali o drama em tres actos *Loucuras da mocidade*, traducção do sr. Costa Braga, e a comedia em um acto *Francisco Antonio e Companhia*.

A esta empresa seguiu-se outra constituída por J. Carlos dos Santos, Cesar de Lima, Brea e outros actores dramaticos, antes escripturados no theatro de D. Fernando, de onde haviam sahido em consequencia de certas desintelligencias com a empresa. Estava tambem na companhia Anna Cardoso, actriz de grande talento fallecida ha poucos annos (1). Duas peças alcançaram então grande voga: o *Abade feliz* e o *Perdão de acto*.

Sucedeu a esta gerencia a celebre Associação, que durante algumas épocas administrou o theatro, com excellent resultado. Constituam-n'a accionistas, alguns dos quaes aproveitavam as assembleas geraes para darem largas a uma rhetorica de certo muito mais risivel, do que as chistosas farças do Theodorico e da Florinda.

Havia socio que a tudo chamava seu, e que se indignava sinceramente quando algum outro se atrevia a contradizel-o. Julgava provavelmente representar na corporação uma synthese analoga á que Luiz XIV pretendia constituir em França, quando exclamava *L'état c'est moi*.

No tempo da Associação floresceram na Rua dos Condes as magicas e as peças biblicas. Com a *Romã encantada* e o *Samsão* houve não menos de vinte e quatro contos de réis de receita.

Era então o theatro muito concorrido, não só na sala dos espectaculos mas tambem no palco.

No *caes do Sodrê* ou *foyer* da Rua dos Condes reuniam-se quasi todas as noites Julio Cesar Machado, Manuel Roussado, José Maria d'Andrade Ferreira, Francisco Serra, Alfredo de Athaide, Carlos da Silva Pessoa, Costa Braga e outros escriptores, que principiavam a sua carreira litteraria e que forneceram muitas peças para o repertorio do theatro.

O nome de *caes do Sodrê* fôra applicado á casa da palestra da Rua dos Condes pelo actor Theodorico (velho), por ser n'um botequim existente n'aquella caes, que elle e alguns amigos se juntavam habitualmente e discutiam assumptos theatraes, o que passaram depois a fazer no *foyer*. A denominação foi adoptada nos outros theatros, e durou muito tempo.

(Conclue)

Maximiliano d'Azevedo.

(1) Vid. *Occidente*, 1 vol. n.º 22.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA  
DE  
ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continuado do n.º 170)

LII

Proseguindo com os artefactos dos seculos XII e XIII encontramos o n.º 44, uma cruz processional de cobre, sem labores, mas com a figura do Salvador, e outra cruz, n.º 49, tambem de cobre, tendo a imagem de Christo, cuja fronte cinge a coroa de rei.

O n.º 134 não só é precioso por ser do seculo XII, mas por ser uma das poucas peças que nos dá o nome de seu auctor. É um calix, pouco mais ou menos da forma do n.º 6, atraz descrito; é de prata dourada e tem de altura 0,17. O pé de figura conica recurvada é lavrado e dividido em quatro medalhões circulares cada um tendo o symbolo de um evangelista; o nó em forma de um espherioide ellyptico, cujo eixo maior está no plano horizontal, é coberto de filigrana delicadissima. A copa, assaz larga, é lavrada em doze nichos, em cada um dos quaes se vê um apostolo, ao qual corresponde superiormente, na moldura lisa que corre pela borda do calix, o respectivo nome. Na parte inferior do pé, em outra moldura lisa, lê-se: GEDA MENENDIZ ME FECIT IN ONOREM SCI MICHAELIS E. MCLXXX. Correspondendo a era de 1190 ao anno de 1152, isto é meados do reinado de Affonso Henriques, temos a epoca da actividade do ourives *Geda Mendes*, um dos mais antigos artistas do reino portuguez.

O n.º 136 é outro calix da mesma epoca e de forma similhante. É de prata dourada, tendo de altura 0,11. A copa é lavrada com ornatos, representando animaes phantasticos, fitas e flores; os labores são em geral grosseiros; o pé ou base é liza, lendo-se em volta da parte inferior: IN NNE DNI MENENDUS GUNDISALUIS ET TUDA DOMNA SUM. Pertence á Sé de Braga, onde se attribue ao arcebispo S. Geraldo. Pela inscripção parece deduzir-se ter pertencido á muito nomeada condessa D. Toda, e n'esse caso deve ser do ultimo quartel do seculo X ou primeiro do seculo XI, ficando conhecido o nome do marido d'aquella notavel ricadona, Mendo Gonçalves, que A. Herculano não averiguou de todo.

Vemos no 138 um anel abacial de latão dourado, com restos de esmalte verde. Tem no centro uma pedra vermelha, na qual se vê gravado um baculo e uma mitra, tendo á roda a inscripção: PETRUS ABAS. É consideravel o seu diametro e suppõe-se ser do seculo XII.

LIII

O n.º 181 é um cofre hispano-arabe de marfim. A sua altura é de 0,19; a forma cylindrica, tampa convexa com ferragens de cobre dourado, havendo em volta d'ella uma inscripção arabe. É ornamentado em baixo relevo representando fitas entrelaçadas, arcos da forma especial da architectura arabe, em ferradura, figuras humanas e outros animaes. Deve ser do seculo XIII.

(Continúa)

R.

LUZ E TREVAS

O dia estava limpido, sereno, grandioso, como a natureza primaveral em regiões benignas para os habitantes humanos do planeta.

A alegria immensa que irradiava de todos os lados, repercutida em todas as minucias da paisagem, reflectida de quebrada em quebrada pelas sinuosidades das alcantiladas serranias divergentes, insertas umas sobre as outras, como os foliolos nos ramos, toda ella ia retractar-se, nitida e brilhante, no olhar vivaz e incendiado de jubilo dos dois pequenos guardadores.

Emquanto pela encosta abaixo, sobre a relva de variadas gramineas, aqui e além esmaltadas no seu verde claro por alguma ramada com inflorescencia de cores vivas, alguma papoila ou algum monte de trevos, se iam delectando em tosquial-rente as mansas cabras, os dois pequenos, irmão e irmã, folgavam despreocupados, jogando ao ar

pequenos seixos roliços de quartzo que a agua trouxera de longe, de muito longe, em peregrinação constante, como novos Ashaverus errantes, gastando-lhes as asperezas e as quinas pelo demorado e continuo roçar sobre as pedras do solo do seu longo transitio.

Emquanto aquelles, escolhendo, aqui e alli, com tardo e minucioso cuidado, a melhor iguaria da vasta mesa do arrelvado, a ruminavam vagarosamente, com os olhos fixos, pasmados, as pernas hirtas, as orelhas fitas, os mocinhos saudavam com infantis e sonoras gargalhadas a menos cuidada destreza d'aquelle dos dois que deixava que os pequeninos pedaços de quartzo rolado cahissem no solo, sobre a herva acamada pelo peso dos seus corpos franzinos, delicados; assim a prova solenne e grandiosa de um dos mais notaveis phenomenos geologicos, o transporte dos materiaes pela agua das levadas, e a sua deposição em outros pontos, objectos que o naturalista só vê com emoção de entusiasmo, servia alli os pueris brinquedos d'aquellas lindas creanças campesinas de bastos cabelos louros, encimando como aureola, uns rostos purpureados; d'aquellas creanças mal ensinadas para lhes conhecerem a historia e pouco adeantadas na idade para comprehender-lhe o alcance, quando mesmo viessem a conhecê-la.

O que revela ao poderoso intellecto do sábio a energia colossal dos grandes movimentos da natureza, era alli simples juguete de fracas inoffensivas creanças.

De repente, uma vaga inquietação começou a apoderar-se dos vivos habitantes d'aquellas elevadas regiões serrãs. A luz solar, óra radiante e abrazadora, esfriava sensivelmente diminuindo em poder illuminante.

Comtudo nem uma nuvem se desenhava no fundo azul irreprehensivel da atmosphera, em todo o vastissimo ambito d'aquelle horizonte de montanha.

Mas este mesmo azul ia escurecendo, deixando apenas nos confins do horizonte umas faixas amareladas, extraordinarias; o conjuncto era de um aspecto assustador, tenebroso.

De mais em mais empallidecia o luminar dos dias; o clarão vivificante do sol, d'esse astro esplendido que Copernico chamava *o facho do mundo, a estrella derramada entre as estrellas*, de Arago, dissipava-se como se extingue o brilho nos olhos do moribundo que se esvai na morte.

Pelas planicies estendia-se o manto pardacento, lugubre, aterrorador, da sombra.

Os pequenitos entreolhavam-se na mudez das estatuas; assombrados pela ferrea magestade dominadora do phenomeno imprevisito, inesperado, que os assaltava a meio dos seus folgares. A medida que no céo os raios solares se extinguiam um a um, como que interceptados por giganteo apagador, assim nos seus olhos, immobilizados por indizível pasmo, se iam amortecendo e apagando todos os clarões da alegria, todas as scintilações de prazer.

Porfim, no fundo luminoso do sol moribundo começou a distinguir-se nitido; um recorte curvilineo, negro e severo da lua que inexoravel corria a velar ao nosso mundo aquelle lizeiro, que determina toda a actividade terrestre desde os simples movimentos das combinações da chimica mineral até ás aggregações superiores, bases de toda a vida animal e vegetal; que actua ainda nas sociedades humanas, como factor da historia, marcando, no seu caminho de Leste para Oeste, a direcção das emigrações humanas que da India trouxeram a formação de todos os povos indo-europeus.

Pouco a pouco diminuia a porção luminosa a descoberto; já finalmente apparecia franjada e recortada pelos relevos da superficie da lua, até que se fez completa a escuridão.

No céo baço, plumbeo, destaca-se uma roda negra, franjada em volta por fulgidissima aureola de raios luminosos, similhante ás que, nas mysticas pinturas, costumam exornar as cabeças das personagens que a lenda enthronizou em santos.

Aquelle espectáculo funambulesco que enthusiasmo a tal ponto o celebrado astronomico inglez Baily, que lhe fez olvidar as importantes observações que se propuzera fazer, não produzia igual effeito nos seres vivos que animavam o quadro que desenhámos.

Ao passo que a pequenita, tremula, se atirava aos braços do irmão, apertando-o com a furia do desespero, emquanto lagrimas silenciosas lhe escorriam pelas faces certamente descoradas pelo medo, o rapazito, não menos espavorido, procurava debalde nas trevas do seu entendimento romper a luz salvadora da comprehensão de tão extraordinario facto.

As cabrinhas que havia pouco percorriam alegres as penedias, arqueando-se em graciosos sal-

tos, embatendo fortemente as frentes bicornes, e quedando-se empinadas com as patas deanteiras erguidas do solo, separando-se para depois voltarem a nova marrada, entre meneios caprichosos de galanteio quedavam-se agora tristes, atarradas. Algumas baliavam lugubrememente.

As aves, tremulas e afflictas, rojavam-se no solo; as abelhas que zumbiam pela encosta, atarefadas nas suas viagens sobre as flores, em busca dos elementos precisos para formarem o mel, alimento dos futuros filhos, conservavam-se occultas no intimo dos orificios onde albergavam a prole.

O velho rafeiro, pelludo e esbelto, erguendo repetidas vezes ao ar o agudo focinho e sacudindo impetuosamente as orelhas compridas, sedosas, soltou na atmosphera dois uivos sentidos, prolongados, dolorosos, e veio tristemente amedrontado acolher-se, tremendo, entre os joelhos do seu pequenino dono.

Os tres estavam em grupo isolado na vasta região envolta em espessas trevas; não ousavam gritar, comquanto muitas vezes a bocca de Paulo se entreabrisse, como se machinalmente tentasse articular alguns sons.

Poucos minutos passaram com a lentidão solenne originada na grandiosidade d'aquelle soberbo phenomeno da natureza astral, e após elles a luz solar reapareceu de subito clara, alegre, petulante e viva, e foi pouco a pouco inundando, invadindo tudo.

Um grito de inenarravel contento exploiou dos labios do pequenino pastor. Poz-se em pé, de salto, e extendendo os braços, batendo as palmas, com todas as suas forças — *ó meu r co sol*, exclamou elle; e um sorriso indeciso, semi-triste, balbuciante, despontava na physionomia ainda aljofrada de lagrimas da irmãzinha.

O eclipse acabára.

D'alli a pouco um quartzo rolado rebolava no chão, e uma gargalhada infantil, sonora e aberta, confrangia a prosapia do pequeno guardador.

VICTOR RIBEIRO.

RESENHA NOTICIOSA

HOMENAGEM AO MAJOR QUILLINAN. A Associação Typographica Lisbonense vae offerecer a este benemerito patriota um anel muito original. Tivemos occasião de vêr a preciosa offerta, preciosa sobre tudo pela significação. O anel, é de uma grande implicidade de forma e primorosamente acabado, tendo por unico ornato um pequeno estojo em que se guarda um livro, quasi microscopico, com a biographia e o retrato do brioso official. Este livro, que foi composto em corpo 12, acha-se reduzido a proporções de pouco mais que um centimetro e pôde lêr-se com o auxilio de lente. Foi reduzido pelo processo de heliotypographia, nas officinas da Imprensa Nacional.

O anel é obra do sr. Canongia e é feito do oiro de duas peças de D. João V. O vidro que forma a tampa do estojo, foi fabricado nas officinas da Marinha Grande com areia das praias d'onde partiram os navios portuguezes que foram á descoberta de novos mundos.

STANLEY E A SUA EMPREZA. Terminando no fim de março futuro o contracto feito entre a associação africana e Stanley, será este substituido por Baker-pachá. Toda a gente sabe que este official foi o originador do exercito egypcio, e a sua nomeação para substituir Stanley depois da visita feita pelo general Goldsmith á região do Congo, parece significar que não são muito pacificas as disposições da associação africana, ou que a Inglaterra quer tomar a direcção effectiva d'aquella empreza. Nós já previamos ha muito, que tamanha callada dá coelho.

A RAINHA DA RUMANIA. Como se sabe esta talentosa princeza é conhecida no mundo das letras pelo gracioso pseudonymo de Carmen Sylva, sob o qual tem publicado deliciosos volumes de verso

ENIGMA

N	S	A	S	P	N	F	H
1	2	4	1	3	1	2	3

Proverbio.

Explicação do enigma do numero antecendente: Limpidez.

e prosa. Um novo volume de versos com o titulo — *Meu repouso*, acaba de ver a luz publica em Berlim, e do qual se diz continuar a merecida reputação da real auctora.

**SCKLIAREWSKI.** Falleceu no meado do mez de novembro o romancista russo d'este nome, que gozava de grande nomeada.

**RUSSIA.** Tem havido muitas *grèves* (paredes) nas fabricas de Kiew; o governo tem tomado medidas para as dissipar.

A estatua de bronze, representando o Rheino, pae dos rios, erecta na praça de Dorpart em S. Petersburgo, foi deitada por terra, durante a noite por alguns agentes do partido anti-allemao.

O DR. WIRCHOW. Este notavel sabio e homem politico da Allemanha, cuja perspicacia e intelligencia tivemos occasião de observar durante a reunião do *Congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica* em 1880, n'esta cidade, acaba de ser reeleito para a presidencia da sociedade de medicina de Berlim.

**ESTATUA DE LIEBIG.** Munich, partia de Liebig, havia levantado uma estatua a este grande chimico; ha poucos dias uns *engraçados*, como infelizmente ha por toda a parte, deterioraram aquelle monumento dedicado á memoria do seu grande patricio, untando-a com alcatrão corrosivo.

**ALBUNS DE CRIMINOSOS.** A policia de Berlim pôz á venda *albums* com as photographias de criminosos ou vagabundos allemaes e estrangeiros.

**PEDIDO SINGULAR.** Existe na prisão de Verden um criminoso, condemnado de longa data a reclusão perpetua. Ouvindo fallar nos caminhos de ferro, pediu ao director para ver um. Foi-lhe concedido. Agora já pôde morrer, tendo visto um dos mais importantes melhoramentos do seu tempo. Coitado! ainda lhe falta ver o telegrapho electrico, a illuminação electrica e o telephonio?

**MEDIDA SINGULAR.** A policia de Neustadt prohibiu ás senhoras a entrada nos cafés ou restaurantes! Que tal é a reputação que gozam estes estabelecimentos n'aquella cidade!

**PHENOMENO SINGULAR.** A um canto de uma praça de Magdeburgo, nada frequentado, nasceram e vegetaram alguns cogumellos de modo, que chegaram a destruir o betume.

**RECRUTAMENTO ALLEMAO.** Não obstante a tão apregoada instrucção dos allemaes, entre os 150:849 recrutados do novo recenseamento 1:992 ou 1,32 por cento são completamente analphabetos.

**CARLOS STEWART.** Este compenheiro de Liwingsstone falleceu ha pouco.

**RÁTICE ALLEMA.** O intendente de um palacio, proximo de Goglan, prohibiu a cultura dos espargos na horta respectiva, sob pretexto de que elles são uma planta aristocratica. Teem coizas estes ratões!



MOEDAS DE COBRE DO REINADO DE D. PEDRO IV E D. MIGUEL I, QUE RETIRAM DA CIRCULAÇÃO

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A *COMEDIA A SERIO*, por *A. Gama* com uma *carta-prefacio* do *Ex.<sup>mo</sup> Sr. C. Castello Branco*, *Livraria Civilização de A. C. Santos* — Editor, *Porto 1883*. E' um volume de 280 paginas em 8.<sup>o</sup> O nome de Arnaldo Gama foi muito festejado na litteratura portugueza e ainda hoje é recordado com saudade o seu talento, pois o sr. A. Gama é filho d'aquelle notavel escriptor, e pelo livro que temos presente, parece que não desdourará a memoria de seu pae, porque *A Comedia a Serio* é um livro tão original, quanto engraçado, escripto n'um estylo facil e despertencioso, proprio a lèrem-se de uma vez as suas 280 paginas.

A litteratura portugueza vae tão erma de livros d'este genero, que bons applausos cabem aos que a cultivam com tanto espirito.

A *VIDA DAS FLÔRES*. Estão publicados os fasciculos n.<sup>os</sup> 15 e 16 d'esta esplendida obra editada pela acreditada casa editora de David Corrazzi.

O *ELEGANTE. Jornal de modas para homens, dedicado especialmente aos alfayates*. *David Corazzi* editor. O n.<sup>o</sup> 6 correspondente ao corrente mez publica além de variados artigos, magnificos figurinos.

O *INSTITUTO, revista scientifica e litteraria*. Vol. xxxi n.<sup>os</sup> 2 e 3 da segunda série com artigos muito importantes.

*QUATORZE DE NOVEMBRO, commemoração do 1.<sup>o</sup> anniversario do fallecimento de Marianna Angelica de Andrade*, *Lisboa*. Folheto de 60 paginas offerecido pelo sr. Candido de Figueiredo aos seus amigos, e que em especial agradecemos.

A *MULHER, revista illustrada das familias, directora Eliza Caodur*. O n.<sup>o</sup> 38 é o ultimo publicado d'este semanario, que tem saído com muita regularidade.

A *MODA ILLUSTRADA*. N.<sup>o</sup> 118 d'este magnifico jornal de Modas de que é editor *David Corazzi*. A publicação d'este periodico é um verdadei-

ro serviço prestado ás damas portuguezas.

A *ESTAÇÃO*. É um jornal de Modas de que são proprietarios os srs. Lombaerts & C.<sup>a</sup>, e de que é agente em Portugal o sr. Ernesto Chardron, no Porto. Temos recebido até ao n.<sup>o</sup> 22 correspondente a 16 de novembro.

Os *DICIONARIOS DO POVO*, *David Corazzi* editor, *Lisboa*. O Fasciculo 22 pertencente ao dictionario portuguez francez. O dictionario Portuguez e o dictionario Francez Portuguez já estão completos.

*CATALOGO DO REAL ESTABELECIMENTO HORTICOLA DE JOSÉ MARQUES LOUREIRO, Porto 1883*. Este catalogo de cerca de 250 paginas contém a relação muito desenvolvida da grande variedade de especies que se encontram no estabelecimento do sr. Loureiro, um dos mais completos do nosso paiz.

A *VOLTA DO MUNDO. Jornal de viagens e assumtos geographicos, directores litterarios, Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empresa Litteraria Luso-Brazileira* editora, *Lisboa*. Estão publicados os n.<sup>os</sup> 18, 19 e 20 d'este interessante periodico muito bem redigido e muito bem illustrado.

*HISTORIA UNIVERSAL, original do Dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delphin d'Almeida, Empresa Litteraria de Lisboa, editora*. Fasciculos 50, 51 e 52 com gravuras de quadros historicos.

Esta obra está prestes a concluir o seu ultimo volume.

## AVISO

Com este numero do *OCCIDENTE* é distribuido, gratis a todos os srs. assignantes e correspondentes, um supplemento retrato de

S. A. R. o principe D. Carlos

Tambem tem direito a este supplemento todas as pessoas que tomarem assignatura do *OCCIDENTE* por um anno.

O preço d'este supplemento avulso é de 400 réis, com o numero do *OCCIDENTE* 500 réis, só o numero 120 réis.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA — LISBOA

## CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO DO OCCIDENTE

Já estão promptas e á venda capas para encadernação do 6.<sup>o</sup> volume a concluir.

Tambem ha capas para os volumes 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup>

Preço, 800 réis (franco de porte)

A Empresa encarrega-se de fazer encadernações n'estas capas por 17200 réis, incluindo a capa.

## Caetano Alberto & Faro

EDITORES

EDIÇÕES NO PRELO E A SAHIREM BREVEMENTE

A POBRE JOANNA

Por Victorio Bersezio, traducção de Domingos Ennes.

AS MINIATURAS

Por Gonçalves Crespo. — 3.<sup>a</sup> edição com o retrato do auctor.

## A COMEDIA BURGUEZA

I

## SAPATOS DE DEFUNCTO

POR

LEITE BASTOS

Com uma introdução por GERVASIO LOBATO

Um volume profusamente illustrado por Manuel de Macedo, edição de luxo, 600 réis.

A venda na Empresa do *Ocidente*. Remette-se para as provincias franco de porte a quem enviar 600 réis.